

A eleição e os municípios

Presidencial

JORNAL DO BRASIL

Luiz Orlando Carneiro *

somente a performance do candidato do PMDB nos municípios onde as eleições foram *casadas*.

- 7 DEZ 1989



Uma das explicações mais corriqueiras de parlamentares surpreendidos com as votações no primeiro turno de Lula da Silva e Collor de Mello em centenas de municípios do interior, até bem recentemente divididos entre o PMDB e o PFL, é a de que a eleição presidencial está sendo *solteira*. Os prefeitos e as estruturas partidárias convencionais não se teriam mobilizado, à espera do segundo turno, quando, então, também com os olhos voltados para as eleições de outubro próximo, estarão trabalhando a fim de encaminhar o "eleitorado cativo" para um ou outro candidato ao Palácio do Planalto.

Poucos devem se lembrar de que, no último 15 de novembro, houve eleições *casadas* em 66 novos municípios, criados até 15 de junho: 48 na Bahia, 11 em Santa Catarina, seis no Paraná, um no Estado do Rio e outro no Espírito Santo. Nesses municípios votou-se para presidente e para prefeito.

Os resultados das eleições municipais do último dia 15 não foram ainda divulgados pelo TSE. Mas os votos dados aos candidatos às eleições presidenciais no primeiro turno nos novos municípios indicam que as estruturas partidárias tradicionais no interior, mesmo numa eleição *casada*, pouco serviram para impedir que os eleitores mostrassem clara preferência pelo candidato sem compromissos com os ainda dois grandes partidos (Collor) e, em segundo lugar, pelo candidato do PT, apoiado pelas comunidades eclesiais de base (Lula).

As bases municipais do PFL, como se sabe, *colloriram* em sua grande maioria, ao sentirem que o candidato oficial do partido não tinha nenhuma condição de decolagem. Mas a grande votação de Collor de Mello no interior não pode ser atribuída, evidentemente, ao PFL, que na última hora chegou a tentar a jogada Silvío Santos. Assim, vale a pena ver

Na Bahia, estado de seu companheiro de chapa, Ulysses Guimarães foi o terceiro colocado com 13,55% dos votos, atrás de Collor (29,90%) e de Lula (22,31%). Nos 48 novos municípios baianos que elegeram seus prefeitos no último dia 15, Ulysses Guimarães ganhou em apenas cinco, obtendo uma média (14,9%) só um pouco melhor do que a média estadual. Collor de Mello venceu em 32 desses municípios e Lula da Silva em onze.

A estrutura do PMDB parece ter funcionado melhor em Santa Catarina: Nesse estado, Ulysses Guimarães foi o quarto mais votado (9,62%), depois de Brizola (25,05%), Collor (22,46%) e Lula (10,11%). Nos onze municípios catarinenses onde as eleições foram *casadas*, o candidato do PMDB obteve 13,9% dos votos, mas o postulante do PT teve uma percentagem de votos (11,57%) maior do que sua média estadual.

Estes números parecem confirmar a impressão geral de que os partidos com as duas maiores bancadas no Congresso terão muito trabalho para recompor suas bases eleitorais, tendo perdido sobre elas qualquer controle. Pelo menos em eleições majoritárias.

É, pois, irrelevante o apoio formal de qualquer partido a Collor ou a Lula. O suporte *light* do PSDB ao candidato da Frente Brasil Popular não evitou que quase 50% dos eleitores de Mário Covas no primeiro turno tenham optado por Collor no segundo. De outro lado, não foi o PDT, mas a personalidade carismática de Leonel Brizola a responsável pela esperada transferência de quase 60% de seus votos para Lula, no segundo turno.

Como disse Marcos Antonio Coimbra, principal estrategista do candidato do PRN, em entrevista a este Jornal, "a única chance de Lula é tirar eleitor que votou em Collor no primeiro turno, até porque o eleitor de Collor mora ao lado do eleitor do Lula". Principalmente nos municípios do interior, onde, a julgar pela amostra de 15 de novembro, os partidos tradicionais não influem mais nem em eleições *casadas*.